

ELEIÇÃO SEM IDEÁRIO

p. 33

Josaphat Marinho

É estranhável a falta de idéias básicas nas eleições primárias para presidente, nos Estados Unidos. Sendo as primeiras no pótico do novo século, os candidatos à presidência deviam refletir idéias novas, correspondentes às responsabilidades do país diante do mundo. Diversamente, os debates, quando não rasteiros, foram medianos. Não enfrentaram as questões de âmbito universal, que, interessando a todos os povos, envolvem seriamente os chefes dos que detêm poderes maiores. Foram colhidos, porém, pela controvérsia em torno da situação do menino cubano, já em processo de solução.

Não se ficou sabendo, até aqui, claramente, a opinião do republicano Bush e do democrata Al Gore sobre as desigualdades entre os povos, com reflexos graves na vida dos indivíduos. Indicando os relatórios da ONU disparidades exorbitantes, reveladoras de pobreza desumana em vários continentes, era natural que se manifestasse, firmemente, a esse respeito os dois candidatos, pois a palavra de um deles, amanhã, será decisiva em assembleias internacionais. A globalização e seus efeitos preocupam todas as nações que experimentam as consequências das mais desenvolvidas científica e tecnologicamente. Tanto mais relevante é o fenômeno porque áreas do próprio pensamento neoliberal e capitalista denunciam hoje os inconvenientes da globalização, entendida como um processo de expansão linear. Como herança de longa divergência, a discriminação racial perturba a coexistência em múltiplas sociedades. Gera conflitos extensos, em algumas comunidades assumindo violência notória, com objetivo de exclusão absurda de certos grupos étnicos.

No centro de todos esses problemas, ou neles influindo acutamente, está a necessidade de redistribuição da riqueza. Não há esforço suficiente para aperfeiçoar a educação e a cultura dos povos, se faltar justa distribuição dos recursos mate-



riais a todos os indivíduos. Onde houver privilegiados e miseráveis ou párias, o desenvolvimento não opera a igualização relativa das pessoas, já que a absoluta é ilusória. Mas a correção desses desnívelamentos é processo vinculado à índole do capitalismo. Superá-los é função do trabalho geral dos povos, no sentido de alteração do regime. A revolução socialista soviética, se produziu resultados econômicos assinaláveis, não pôde sobreviver porque lhe faltaram espaços bastantes que reduzissem o imperialismo capitalista. Se as sociedades detentoras da grande força econômica do capitalismo não concorrerem, pois, vigorosamente, para a mudança, as desigualdades continuarão a ameaçar a paz geral. E o risco da mudança pela força é tanto mais perigoso porque cria

incertezas ilimitadas.

Os que vivem na prosperidade precisam atentar nesses riscos, que não obedecem a compasso. É por isso que a nação americana, experimentando neste momento impressionante prosperidade, cuida de discipliná-la, porque no campo político e econômico os movimentos bruscos escapam à vontade dos governantes. Demais, na atual transição de século, há um favor novo, de incidência indelimitável no conjunto das relações humanas: a comunicação por meios eletrônicos. Atravessa fronteiras e a intimidade dos palácios governamentais, com velocidade incontrolável. Por isso mesmo, o homem comum e os dirigentes políticos devem adotar suas decisões com presteza, para que não sejam surpreendidos pelas notícias dos fatos. Os

que visam alcançar o poder nessa travessia histórica, e em grandes nações principalmente, hão de ter a exata noção de suas responsabilidades, para que não sejam tragados pelos acontecimentos. Se os estadistas não querem nem devem ser dependentes de outros, estão entre si vinculados a serviço da humanidade. E só agirão com eficiência e eficácia se se anteciparem, de modo coordenado, no conhecimento da realidade.

Isso, porém, depende da visão dos grandes problemas, que decerto os dois ilustres contendores, nos Estados Unidos, revelarão antes do pleito definitivo, para tranquilidade geral dos povos.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia, e diretor da Faculdade de Direito da Upis